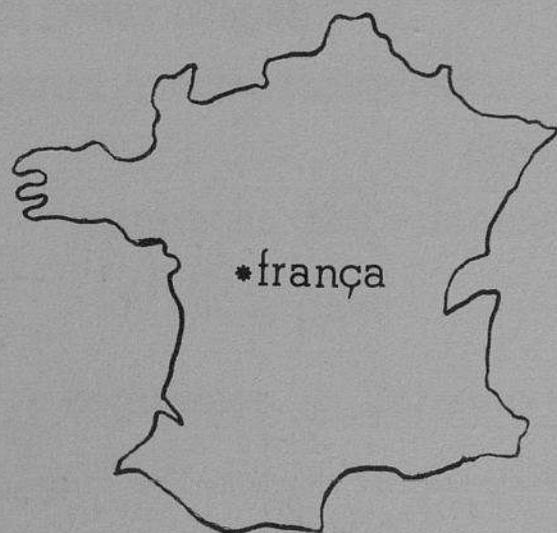


VASCO MC MARTINS



ESCOLA :

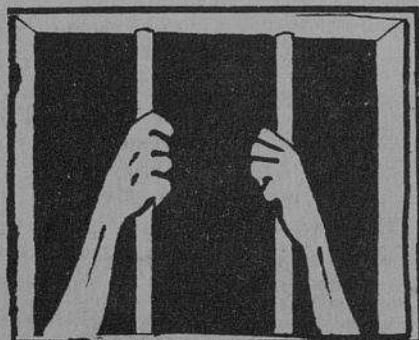
para que estudam
os jovens imigrantes ?

•alemanha
imigrantes:
primeiras vítimas da crise



3º governo
porquê ?

•espanha



repressão
sobre os operários

sumário

DESEMPREGO	3
INDEMNIZAÇÃO SUPLEMENTAR PARA OS TRABALHADORES SEM EMPREGO	4
APONTAMENTO	4
O NATAL DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS	5
NOVA POLÍTICA DA EMIGRAÇÃO	6 - 7
ESPAÑA : LUTA OPERÁRIA	7 - 8
SANEAMENTO DOS CONSULADOS EM FRANÇA	9
MADEIRA : COMO VIVE O POVO NESTA ILHA	10 - 11 - 12
MAIS MASSACRES EM ANGOLA	12
JUVENTUDE OPERÁRIA — NOTA DA REDACÇÃO	13
PORTUGAL : 3º GOVERNO	14 - 15
OS JOVENS IMIGRANTES NA ESCOLA	16 - 17
SITUAÇÃO DOS IMIGRANTES NOS TRABALHOS DA LIMPEZA	18 - 19 - 20
CRISE DO CAPITALISMO NA ALEMANHA	21
POR TERRAS DE FRANÇA	22

JUVENTUDE OPERÁRIA

Redacção : 12, avenue Sœur Rosalie
75013 - PARIS

Condições de assinatura :

Assinatura anual 8 F
Assinatura de apoio 10 F

LÊ, ASSINA, DIVULGA
«JUVENTUDE OPERÁRIA»

desemprego

**os jovens reagem
contra a crise capitalista:**

**contra os despedimentos
e pela
segurança de trabalho**



O número de desempregados ultrapassou meio milhão no mês de Setembro. No espaço de um ano, o número de trabalhadores sem emprego aumentou de cerca de 30 %. No mês de Setembro, inscreveram-se na «Agence Nationale pour l'Emploi», 250 mil pessoas contra 128 200 em Agosto e 190 mil há um ano. Os jovens e as mulheres são os mais atingidos com esta crise. E também os trabalhadores imigrantes.

Muitos deles são postos na rua depois de terminado o contrato.

Os trabalhadores são cada vez mais, vítimas da crise económica, que tem origem e se desenvolve dentro do sistema capitalista em que vivemos. Um sistema que explora a maior parte dos homens para o enriquecimento de uns poucos. Um sistema onde a produção está em função do lucro e não das necessidades de todos os homens.

Em todo o lado os trabalhadores deparam com uma situação cada vez mais precária: numa fábrica, nos arredores de Rouen, uma operária é chamada ao escritório do patrão porque, segundo este, não dava a produção. É ameaçada de despedimento. Na semana seguinte trabalha mais, consegue dar a produção, mas o patrão encontra outro pretexto e despede a operária.

Numa garagem, em Nantes, um aprendiz sob contrato recusa-se a fazer horas extras; é ameaçado de despedimento.

Em Rouen, numa fábrica o horário diminui de 8H 30 para 8 horas diárias, porque não havia trabalho (?). Mas a cadência aumentou e as operárias fazem o mesmo trabalho, somente em 8 horas. Assim o patrão consegue a mesma produção com uma diminuição dos salários e com o mesmo número de operárias.

Quem se aproveita de todas estas situações?

Numerosas são as reacções dos trabalhadores que se organizam para lutarem contra os despedimentos colectivos ou individuais sem justa causa, e lutam para conseguirem uma legislação que defenda verdadeiramente os trabalhadores dos despedimentos abusivos e arbitrários dos patrões.

Estes trabalhadores somos nós:

- é o Carlos que não se deixa intimidar pelas ameaças de despedimento do patrão, se informa dos seus direitos e recorre ao Tribunal de Trabalho;
- é a Glória e as suas colegas de trabalho que se solidarizam, através de uma greve, com uma operária a quem o patrão quer despedir sem justa causa e sem lhe pagar o que lhe deve;
- é a Maria que, com as colegas, perante a insegurança no trabalho procuram informar-se dos seus direitos e entram em contacto com a organização sindical existente na empresa.

Esta é a situação da classe operária de que fazemos parte. Ameaçados de despedimento, ou com emprego assegurado, não podemos deixar de nos interrogar sobre o significado de tudo isto, de lutarmos juntos contra esta situação, de nos solidarizarmos na luta de todos os trabalhadores.

NÃO ! NÃO QUEREMOS SER UNICAMENTE MÁQUINAS DE PRODUÇÃO QUE SE REJEITAM QUANDO JÁ NÃO SÃO NECESSÁRIAS ! TODOS TEMOS DIREITO AO TRABALHO !

INDEMNIZAÇÃO SUPLEMENTAR PARA OS TRABALHADORES SEM EMPREGO

No dia 14 de Outubro, foi assinado um acordo entre os representantes dos patrões e os sindicatos, que possibilita aos trabalhadores despedidos por motivo económico, receber 90 % do salário, durante um período que poderá atingir um ano.

Esta indemnização chamada «allocation supplémentaire d'attente», é aplicada desde o dia 2 de Dezembro. Portanto, os trabalhadores mesmo sem emprego antes desta data só receberão esta indemnização a partir do dia 2 de Dezembro e durante o período que resta para completar um ano de desemprego.

As pessoas empregadas em trabalhos domésticos não podem beneficiar desta indemnização.

Na altura do despedimento, os trabalhadores, para terem direito à «allocation d'attente», tem que estar nas seguintes condições :

a — ter sido despedido por motivo económico. O motivo do despedimento tem que ser confirmado por uma autoridade administrativa competente, geralmente o director departamental do trabalho.

b — ter trabalhado durante 182 dias (6 meses) ou 1 040 horas numa ou várias empresas submetidas aos descontos da ASSEDIC (organismo que paga

uma parte da «allocation chômage») durante os 12 meses que precederam o despedimento.

c — ter menos de 60 anos na altura em que ficar sem o emprego.

d — estar inscrito na A.N.P.E. (Agence Nationale pour l'Emploi)

e — estar fisicamente apto para exercer uma profissão.

f — não estar em desemprego temporário.

g — não ter recusado, sem motivo válido, seguir uma formação profissional.

h — não ter recusado, sem motivo válido, um emprego oferecido pela A.N.P.E.

Portanto, a «allocation supplémentaire d'attente» aplica-se a todo o despedimento, individual ou colectivo, de ordem económico, para os trabalhadores que têm 6 meses de presença no trabalho e menos de 60 anos, qualquer que seja a importância da empresa.



APONTAMENTO

● crianças mortas a pontapé

Conversando, quando em férias, com um militar recém-chegado de Moçambique, disse ele o seguinte : « Fizemos várias operações durante dois anos que estivemos no interior de Moçambique. Recordo-me bem de duas que me impressionaram muito.

A primeira, foi a destruição de uma aldeola de palhotas em que habitavam só pretos com suas mulheres e filhos. A ordem era, portanto, chegar o lume às palhotas e enfrentar quem dentro delas estivesse : assim fizemos. Chegamos o lume às palhotas, matamos vários pretos, algumas pretas foram agarradas pelos nossos soldados que fizeram delas o que quiseram e as crianças que não conseguiram fugir foram mortas a pontapé. A segunda, foi a expulsão dos pretos duma certa região que tinham cultivado e não colheram porque foram expulsos.

● quem é a igreja ?

No ano passado, quando também em férias em Portugal, o padre da minha paróquia, referindo-se numa homilia, a missão das nossas tropas nas colónias, disse que eles andavam a cumprir uma missão nobre, porque andavam a defender a Igreja !...

Mas, quem é a Igreja e qual a sua missão na terra ? Eu penso que a Igreja são todos quantos praticam a verdade e a justiça, e, defender a Igreja é lutar pela verdade, justiça, paz e amor entre os homens. Lutar pela Igreja não consiste em matar crianças a pontapé, agarrar as mulheres e fazer delas um objecto, nem queimar aldeias e expulsar os pretos das terras que eles cultivaram para depois lhes roubar os produtos.

● Manuel

O NATAL

DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS



O Natal é a época mais festejada do ano.

Para nós, portugueses, é a festa da família, que se reúne num clima de alegria. O dia de Natal é, portanto, um dia em que quase ninguém trabalha, pois é dia de Festa.

No entanto, quem se lembra que muitas das nossas compatriotas passam esse dia dentro das casas dos burgueses, a servir os patrões, e os seus amigos que se reúnem para a sua festa? Para estas empregadas domésticas, este é mais um dia de repressão e humilhação.

Para que não falte nada aos senhores (nem o luxo nem o comodismo, nem a escrava para humilhar), impede-se a empregada doméstica de sair, de encontrar-se com a família e os amigos. Nem no dia de Natal ela pode gozar do seu direito de ser livre, ter vida pessoal (independente dos patrões), conviver com as pessoas do seu meio, enfim, ser considerada como um ser humano.

Temos, por exemplo o caso da Luísa :

Os patrões foram passar 15 dias ao Brasil no período do Natal. Naturalmente, ela ficou a tomar conta da casa e de quatro crianças, e não teve nem um dia livre durante este período.

Com que direito se priva uma pessoa de ter um mínimo de vida privada, nem sequer no Natal, enquanto os patrões se divertem no estrangeiro ?

No ano passado, uma empregada doméstica casada foi trabalhar nas férias do Natal para a casa de campo dos patrões, que fica a 400 km de Paris. Como o marido tinha férias nesse período, viu-se na obrigação de acompanhar a mulher para não passar o Natal sozinho.

Não tiveram, portanto, nem um só dia livre neste período para a sua vida particular pois a mulher

tinha de servir os senhores todos os dias, e, principalmente nos dias de Festa.

E os dias de Festa deste casal jovem ?

A Julieta foi trabalhar dia de Natal. Para ela é normal trabalhar nos dias feriados, porque, segundo ela diz, as empregadas domésticas que comem e dormem na casa dos patrões, não tem direito a descansar senão ao domingo.

Mas será que as empregadas domésticas, não são pessoas como as outras, com os mesmos anseios e necessidades humanas ?

Além disso, a convenção colectiva, em ordem aos feriados, diz que nós temos direito a todos os feriados como os outros trabalhadores.

Vejamos o que nos diz a convenção :

«Dias feriados legais : todos os dias de festa legais, são dias de repouso, sem diminuição de salário. Se um trabalho é efectuado a pedido do patrão, num dia feriado legal, o salário correspondente será aumentado de 25 %.

Deve, no entanto, precisar-se que, quando o horário habitual do empregado é de 45 horas por semana, o trabalho efectuado num dia feriado legal, dará lugar a um repouso compensador equivalente...»

Esta situação continuará a existir enquanto houver empregadas domésticas que não conheçam os seus direitos, que não saibam dizer não, que não sejam capazes de lutar contra os patrões para se fazerem reconhecer como pessoas e exigir o respeito pelos direitos adquiridos através de lutas doutros trabalhadores.



NOVA POLITICA

DA IMIGRAÇÃO



No dia 3 de Julho, o governo francês pronunciou-se em favor de uma nova política de emigração, definida nos três seguintes pontos :

— desenvolvimento da acção social em favor dos trabalhadores imigrantes, sobretudo pelo aumento de habitações para as famílias estrangeiras e lares (foyers) para os trabalhadores isolados. Outros aspectos seriam tomados em conta como a alfabetização, a formação profissional, etc...

— simplificação das cartas de trabalho e de «séjour», repressão dos traficantes da mão de obra estrangeira e dos patrões que a empregam ; discussão do projecto de lei (de Outubro de 1973), relativo aos direitos sindicais dos estrangeiros.

— suspensão da imigração até novas ordens, tanto no que diz respeito à entrada dos trabalhadores, como das suas famílias.

Todas estas medidas poderiam enganar, se outras semelhantes já não tivessem sido tomadas anteriormente também com o objectivo de «aumentar a protecção dos imigrantes e simplificar as formalidades que devem cumprir». Temos o exemplo recente da circular Fontanet que põe em completa dependência do governo e dos patrões, os trabalhadores imigrantes. O primeiro resultado concreto da nova política foi a demissão do secretário de estado da emigração no dia 22 de Julho, por falta de créditos para levar a cabo a sua «missão». O orçamento reservado para a imigração e sobretudo para a construção das habitações previstas (que aliás estava muito longe de corresponder às necessidades) era insuficiente.

Em Outubro, o conselho de ministros voltou a pronunciar-se sobre a política de imigração e decide que o encerramento das fronteiras continuaria em vigor.

Em França os imigrantes que trabalham são cerca de dois milhões. Somos absolutamente necessários para o desenvolvimento da economia francesa. Ao governo in-



teressa que os emigrantes, que neste momento aqui trabalham, se vão integrando no meio francês e não regressem ao seu país de origem. Eles sabem que existe uma tendência para este regresso, criada pelas novas condições dos países de origem dos imigrantes : a Argélia que se desenvolve, Portugal que se reconstrói, etc...

A partida dos imigrantes para o seu país teria que ser substituída pela entrada de novos imigrantes, o que traz sempre enormes dificuldades.

Então cria-se a ilusão de melhores condições para os imigrantes.

Mas então porque só agora e neste momento ? E porque é que, entre todas as outras medidas, só a que diz respeito à suspensão da imigração é aplicada ? Não será tudo isto mais uma manobra para continuar e aumentar o controle e repressão dos trabalhadores estrangeiros ?

A falta de habitações decentes para o alojamento dos imigrantes, foi e continua a ser uma das mais escandalosas situações que vivemos. Promete-se a construção de mais habitações, mas não se prevê dinheiro para o fazer.

Não se deixam emigrar as famílias dos imigrantes : situa-

←
ção anormal, injusta, esta da separação de famílias. Entretanto diz-se que é para dar melhores condições às que cá estão... Já se viu atrás que nada é feito neste sentido. Também sabemos que a imigração familiar não dá lucros, portanto não interessa ao governo. Os filhos dos imigrantes vão para a escola, a «formação» deles faz-se aqui, isto custa dinheiro... enquanto que os adultos chegam já preparados para trabalhar, para produzir e dar lucros.

Não são as novas medidas que irão facilitar a nossa vida em França : os verdadeiros problemas continuam presentes :

— a crise do desemprego afecta mais directamente os trabalhadores imigrantes sob contrato. Com a legislação em vigor (circular Fontanet), os imigrantes sem trabalho não podem renovar os documentos. E sem carta de trabalho e de «séjour», estamos expostos a ser expulsos para os nossos países de origem.

— não se tomam posições decisivas e determinantes quanto à igualdade de direitos, em todos os aspectos, em relação aos trabalhadores franceses. Assim continua a desigualdade para provocar a divisão dos trabalhadores, para diminuir a sua combatividade, a sua união...

Nós, trabalhadores imigrantes, começamos a tomar consciência que somos uma força económica dentro da sociedade francesa ; uma força também na luta de toda

a classe operária.

E tomamos também consciência que somos cada vez mais explorados no trabalho ou na escola, nas habitações, nos tempos livres. A luta dos trabalhadores imigrantes aumenta, desenvolve-se, para a conquista dos direitos, para a igualdade entre trabalhadores, para que acabe a exploração do homem pelo homem

Atendendo a tudo isto, não terá esta «nova política» o objectivo de diminuir o nosso espírito de luta ? Não será uma tática, coberta de «belas promessas» para nos desviar do combate que temos que travar, juntos, com todos os outros trabalhadores ?

Devemos informar-nos sobre tudo o que está previsto para nos enganar, para melhor nos explorar. A nossa luta continua, também na denúncia de todas estas manobras. Nós, jovens trabalhadores imigrantes, queremos os direitos sindicais, políticos, a que todo o trabalhador deveria ter direito ; queremos que se acabe com as cartas de trabalho e de «séjour», que dividem, que controlam ; queremos ser respeitados como pessoas.

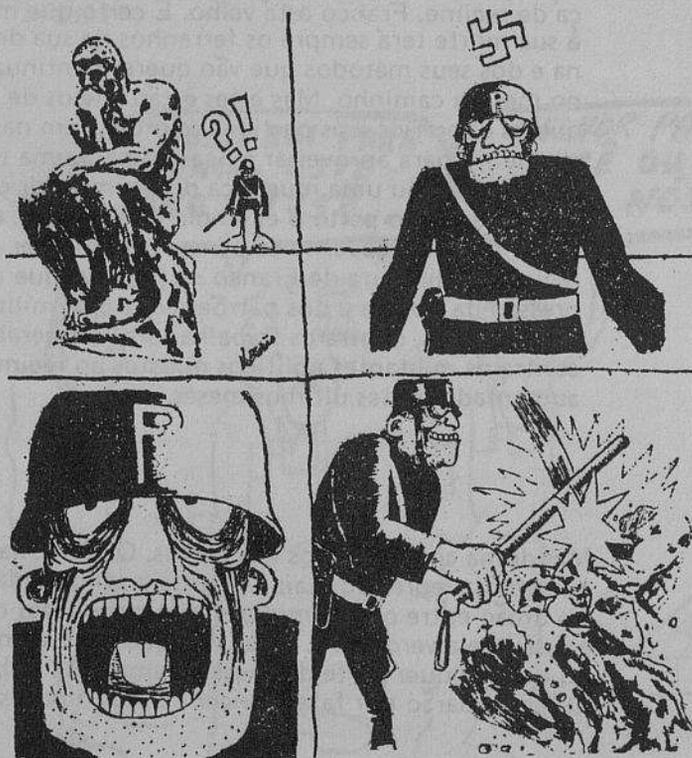
É na nossa luta perante tudo o que é injusto, onde nos encontramos, que conseguiremos uma maior unidade, uma maior solidariedade, e todos juntos uma sociedade onde o homem possa ser responsável, criador, completamente livre.



ESPAÑHA

luta operária

repressão policial



Depois das férias, espalhou-se por toda a Espanha uma vaga de repressão policial contra militantes operários e militantes políticos. A polícia e o governo tem prendido inúmeras pessoas. Por qualquer coisa que cheire a reuniões de operários, greves, etc, logo está lá a polícia a prender as pessoas e em muitos casos a abrir fogo contra os manifestantes.

Para criar uma tal situação o governo aproveitou-se dum facto um pouco estranho. No dia 13 de setembro passado explodiu uma bomba de relógio num café de Madrid. 12 mortos e 70 feridos. Imediatamente o governo espanhol e a polícia acusaram o partido comunista e vários movimentos operários como tendo sido eles que tinham posto a bomba. Mas os factos eram muito diferentes. Este atentado foi feito por um grupo de terroristas fascistas. Tudo leva a crer que o atentado foi feito de propósito para lançar a perseguição contra os movimentos operários, mas o que é certo é que foi aproveitado para isso : perseguir e meter em prisão militantes operários e políticos:

Esta técnica de provocar um atentado e atirar com as culpas para os operários organizados ou para movimentos

←
democratas das esquerdas foi praticado várias vezes em Portugal. Sabe-se que a Pide provocava atentados (chegando a descarrilamentos de comboios) para depois mostrarem que tinham razão em prender militantes operários ou militantes democratas.

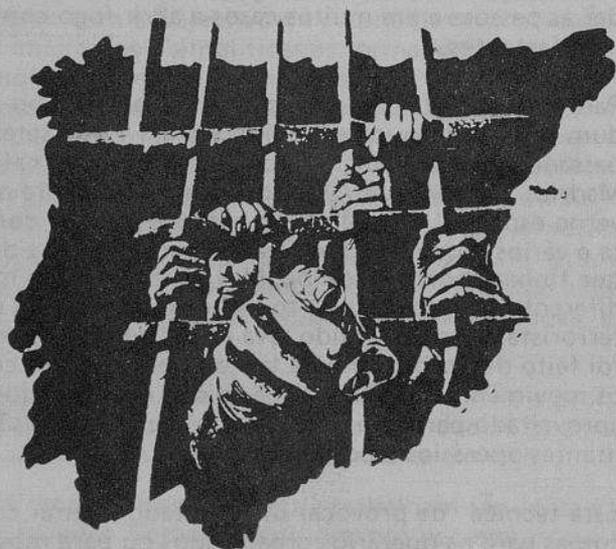
A POLÍCIA AO SERVIÇO DOS PATRÕES

Mas ainda pior que o caso do atentado de Madrid, e onde nós podemos ver a situação operária em Espanha é através dos movimentos de greves e de movimentação operária e da maneira como o governo se serve da polícia para massacrar os operários.

Em Valladolid, nas fábricas da FASA-RENAULT, trabalham 13 mil operários. Estes resolveram exigir um aumento de salário e melhorar as condições de trabalho principalmente no número de horas: exigiam redução para 44 horas por semana e o sábado de tarde livre.

A direcção de fábrica e o Governo recusaram ceder ao que os operários exigiam: Estes decidiram pôr-se em greve. A polícia entrou na fábrica para expulsar os trabalhadores do seu local de trabalho. Foi dada ordem à polícia para dar fogo. Vários trabalhadores foram feridos. E apenas se defenderam com pedras contra as metralhadoras da polícia. Apoiada pelo governo espanhol, a direcção de fábrica despediu 145 operários entre os quais 15 dirigentes do sindicato e a polícia prendeu 8.

Entretanto a situação foi alastrando por toda a Espanha. Quase todos os dias os jornais trazem notícias de movimentos operários e de greves de todas as partes de Espanha. Principalmente de Madrid, de Barcelona, da região de Bilbao e do sul de Espanha. Apenas alguns exemplos: No dia 5 de outubro, cerca de 200 pessoas reuniram-se numa igreja dos arredores de Madrid para falar da situação social em Espanha. A polícia assaltou a Igreja e tirou o bilhete de identidade a todos os presentes. No mesmo dia uma reunião semelhante teve lugar nos arredores de Barcelona. Aqui a polícia prendeu 47 pessoas quase todas militantes operários das fábricas SEAT de Barcelona. Em Espanha o governo proibiu as reuniões de operários e outras semelhantes e chegou ao cúmulo de multar pessoas que tinham ido ver algumas das reuniões que os operários fizeram nas igrejas.



Na região de Bilbao, mais de 10 mil operários de várias fábricas estiveram em greve no fim de outubro e princípio de novembro. Também aqui a polícia entrou em acção impedindo reuniões, prendendo pessoas. A região de Bilbao tem sido uma das mais fortes na resistência à repressão policial. Apesar de toda a repressão policial e de todas as prisões e despedimentos os operários não se intimidam. E tem havido greves e manifestações para outras greves de outras fábricas.



A Espanha está perto duma oportunidade de mudança de regime. Franco está velho. É certo que mesmo à sua morte terá sempre os ferrinhos da sua doutrina e dos seus métodos que vão querer continuar no mesmo caminho. Mas estes estão cheios de medo que os operários e os partidos se organizem neste momento para aproveitar a ocasião para uma tomada do poder ou uma mudança de regime. Por outro lado está muito perto o exemplo de Portugal; e então polícia e governo só pensam em manter o regime de ditadura de Franco: é por isso que a repressão da polícia e dos patrões contra os militantes operários, contra os trabalhadores em geral e contra os militantes políticos opostos ao regime tem aumentado nestes últimos meses.

Mas duma coisa estamos nós certos. Quanto mais aumenta a repressão mais aumenta a solidariedade e a união entre os oprimidos. Nada pôde fazer calar a justiça e a verdade. E é por isso que em Espanha ou em qualquer parte do mundo sempre os trabalhadores acabarão por fazer vencer os seus direitos.



saneamento dos consulados em França

Na sexta feira, 13 de Dezembro, os portugueses de Nantes ocupam durante alguns dias, o consulado de sua região. Exigem principalmente, nas suas reivindicações, o saneamento do Cônsulo.

Para mostrar o sentido desta acção, um dos portugueses que ocupam o Consulado de Nantes, declara a um jornal :

«Pedimos nomeação de um novo cônsulo. Mas são também todas as estruturas diplomáticas de Portugal no estrangeiro que devem ser mudadas. Os diplomatas actuais representam um grave perigo para o processo actual de democratização no país. Precisamos de consulados que estejam verdadeiramente ao serviço dos portugueses, que funcionem com estruturas de acolhimento para os que chegam a França.

Mas sobretudo, queremos que os trabalhadores portugueses sejam reconhecidos no seu país como uma força económica. Eles participam no desenvolvimento do país com o dinheiro que enviam às suas famílias. Nós não queremos que o nosso dinheiro sirva para construir grandes hotéis para turistas nem para financiamento dos bancos privados, mas sim para o desenvolvimento agrícola e industrial das regiões mais desfavorecidas do país. É justamente destas regiões que saíram os trabalhadores portugueses que foram obrigados a se expatriar. O seu desenvolvimento poderá permitir um regresso progressivo dos imigrantes.

De qualquer modo, o que nós não queremos é que os nossos filhos sejam também imigrantes. Para isto, é necessário que todos os trabalhadores portugueses em França estejam conscientes da força que representam. É por isto que ocupamos o consulado.

Uma centena de compatriotas aceitou perder um dia de salário para vir hoje fazer um visita e testemunhar a sua solidariedade».

Em Paris seguiram-se acções idênticas à dos camaradas de Nantes. No mesmo período, um numeroso grupo de trabalhadores, sobretudo jovens, que não tinham até a este momento direito ao passaporte por cinco anos, ocuparam as instalações consulares até que as suas reivindicações fossem satisfeitas.

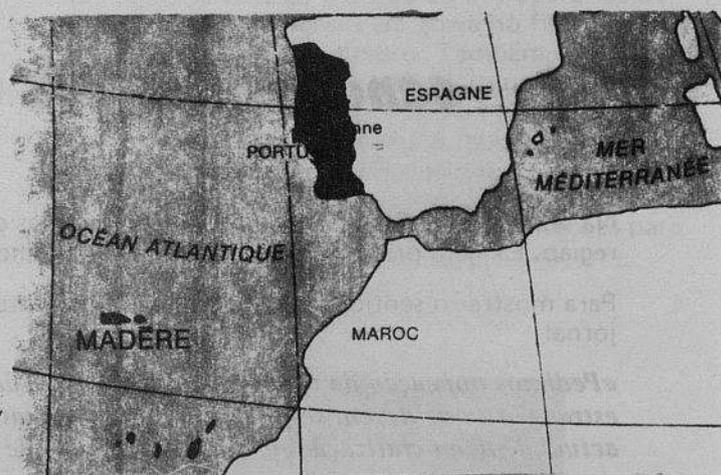
Durante a ocupação, o cônsulo recusa-se satisfazer a reivindicação, dizendo que não tinha ordens para dar passaportes por cinco anos. Pouco depois, o cônsulo entra em contacto com as entidades portuguesas, relatando a ocupação.

Poucas horas depois, recebe a autorização para satisfazer a reivindicação : o passaporte por cinco anos para todos !



MADEIRA

como vive o povo nesta ilha



A Ilha da Madeira, situada no Oceano Atlântico, com um clima dos mais temperados do mundo, e revestida de «belas paisagens», segundo a propaganda turística...tem 741 km² de superfície e uma população de 300 mil habitantes.

Pois é exactamente à cerca desta população, do povo trabalhador da ilha, que um pequeno grupo de imigrantes em férias, nos esclarece sobre o que viu e sentiu.

No curto período que estivemos nesta ilha apercebemo-nos logo que, atrás das belas flores e paisagens, há problemas muito graves que afectam o povo.

A população trabalhadora está dividida sobretudo, pelos seguintes sectores : agricultura, pesca, indústrias de bordados, vimes, hotelaria, montagem electrónica (mais recentemente) e conservas.

Notamos também que o custo de vida é altíssimo, para salários baixos, como na electrónica que ganham à volta de 1 800 escudos e bordadeiras que no máximo podem ganhar 30 escudos por dia (na tapeçaria), para não citar outras grandes camadas de trabalhadores que estão longe de atingir o salário mínimo estabelecido pelo governo, que é de 3 300 escudos.



AGRICULTURA

A agricultura na Madeira é exercida em moldes bastante antigos e rudimentares, o que não pode garantir meios de subsistência para quem trabalha.

A disposição do terreno e as minúsculas propriedades já dificultam o trabalho, ao que temos a acrescentar a falta de caminhos em condições de acesso, falta de transportes e mesmo de máquinas no que era possível. Por exemplo, os camponeses acarretam os produtos da terra, assim como os adubos e outras coisas, quase tudo às costas ; fazem o vinho nos antigos lagares onde se espreme as uvas com os pés, sulfatam a vinha e as batatas com uma máquina às costas, etc...

Temos a esclarecer que uma grande parte das terras não pertencem aqueles que as trabalham. Existe em larga escala o sistema de colónia, ou seja, o trabalhador plantou árvores, fez paredes ou casas de gado ou habitação, mas a terra não lhe pertence, pois quando faz a colheita tem que dividi-la com o dono da terra.

As culturas mais rentáveis na Ilha são a banana, (em crise por causa da banana da África) a cana de açúcar e o vinho, também em crise.

É claro que com estas condições de vida, grande parte dos camponeses emigraram, ou para a cidade onde trabalham, sobretudo, na construção civil, ou para o estrangeiro. Esta saída dos trabalhadores agrícolas faz com que escasseiem no mercado produtos de primeira necessidade, como o leite, carne, legumes, etc...

PESCA

Sendo a Madeira uma ilha, existem todas as possibilidades de desenvolver a pesca e derivados. Mas como em muitos outros sectores, as entidades oficiais limitam-se a cobrar os impostos e abandonam os pescadores à sua «sorte».

Naturalmente que aparecem senhores que compram uns barcos e empregam pescadores, sem terem o mínimo cuidado com a segurança dos trabalhadores, pois só visam o lucro, como todos os patrões.

Os que não querem submeter-se ao jugo dos patrões, vão pescar em pequeninos barcos que, além de ser perigoso, não pode ser rentável.

Actualmente muitos deixaram esta profissão e foram para outros trabalhos e, por isso, cada vez há menos peixe no mercado e mais caro.

ELECTRÓNICA

Estas fábricas são apenas de montagem de pequenas peças e são instaladas em Portugal apenas para explorar a mão de obra barata.

Na Madeira existem à volta de 800 pessoas neste trabalho, quase tudo feminino. Todo o material vai do estrangeiro. As operárias a trabalhar «à chaine», montam diversas peças, muitas vezes minúsculas, com a vista debaixo duma luz forte, com produção exigida e chefes a vigiar. Uma vez as peças prontas, são novamente empacotadas e voltam para a América ou Inglaterra onde vão servir para grandes aparelhos e para grandes lucros, sobretudo.

A situação das bordadeiras



BORDADOS

Quando falamos na Madeira toda a gente se lembra logo dos «bordados da Madeira», mas o que não sabem ou que não pensam é nas condições em que este trabalho é feito.

É este o sector de trabalho que engloba mais mão de obra feminina. Dos 2 500 (aproximadamente) trabalhadores nas fábricas, apenas uns 300 são homens: agentes, desenhadores, empregados de escritório, chefes; o resto do pessoal é feminino. Nas fábricas faz-se o trabalho da estampagem, distribuição, pagamentos, etc... O bordado propriamente dito é feito pelas bordadeiras nas suas casas, sendo-lhes pago pelo que bordam e não ao dia. Apenas em algumas fábricas se executa um pouco de bordado em tela.

As operárias das fábricas, ainda em 1972, ganhavam entre 20 e 30 escudos. Era uma minoria que ganhava mais de 30 escudos. Por essa data conseguiram negociar uma convenção colectiva, que, com muita dificuldade, passaram para os 40 e tal na generalidade.

Após o 25 de Abril e depois do governo falar em salário mínimo, as empresas aumentaram as operárias para 80 escudos por dia, o que está longe de atingir o salário mínimo.

Através dos contactos que tivemos com as operárias, soubemos também que alguns patrões já estão a despedir pessoal, pois querem exigir mais produção às que ficam, assim terão sempre os mesmos lucros. Aliás, o problema dos despedimentos afecta todos os sectores de trabalho, o que vem agravar uma crise já existente.

Quanto às bordadeiras, têm problemas totalmente diferentes e mais graves ainda. Há dezenas de anos que estas mulheres (calcula-se em 40 mil) mantêm uma indústria que muitos lucros deu a grandes senhores e que nunca teve o mínimo de protecção so-

cial legal. Nunca foram abrangidas por Caixa de Previdência, seguro ou reforma. Ainda por cima descontam 2 por cento para o Fundo de Desemprego, mas quando falta trabalho não ganham nada.

Estas mulheres (algumas ainda crianças de 5 e 6 anos) bordam dias inteiros e às vezes até tarde de noite para ganharem alguns míseros escudos. Eis alguns exemplos: uma mulher disse-nos que ela e duas filhas tinham acabado de bordar uma toalha com 12 guardanapos por 310 escudos para descontar ainda para o fundo de desemprego e para as linhas (é a bordadeira que paga as linhas). Fizeram este trabalho em três semanas. Uma outra mostrou-nos uma toalha também com 12 guardanapos cujo preço era de 430 escudos. De certeza que um mês não era suficiente para executar este trabalho. Já saiu uma lei em 1973 para que as bordadeiras tenham Caixa de Previdência, mas até à data não foi posta em prática.

O bordado em tela é um pouco mais bem pago, mas, pelo que ouvimos às bordadeiras, é uma grande excepção ganharem 30 escudos por dia e à força de puxar bem a agulha durante 12 ou 14 horas por dia.

TURISMO

O turismo concentra as atenções primárias das entidades oficiais e dos capitalistas. Assim, facilita-se toda a implantação de capitais nacionais e estrangeiros nesta indústria; estão isentos de certos impostos por ser considerado de utilidade turística; a construção civil limita-se quase só a construir hotéis e residências, em prejuízo de habitações para a população local, ao que leva que as rendas de casa no Funchal sejam das mais caras do país.

Além do já dito, os hotéis absorvem uma grande parte dos alimentos (legumes, carne, peixe, etc...) e daí que escasseie e encareça a alimentação para o povo. Por exemplo: peixe-espada a 40 e 50 escudos o quilo, uvas a 25 e 30 escudos no mês de Agosto, pêssegos a 30 escudos, etc...



A indústria hoteleira emprega muitos trabalhadores, mas, como há grande quantidade de mão de obra, a entidade patronal abusa à vontade da situação, explorando ao máximo nos salários, horários, categorias, etc... Esclareça-se que muitos dos hotéis são de imperialistas internacionais, e que os lugares de administração e chefia são reservados para estrangeiros e restam os lugares mais fracos para o pessoal de Ilha.

No mês de Agosto os trabalhadores queriam fazer greve para exigirem, entre outras coisas, o salário mínimo, e horário de 44 horas por semana. A greve não se realizou, por pressão da Delegação do Turismo e outras entidades, e por falta de capa-

← cidade do sindicato. É que numa indústria para servir os «senhores turistas», não se pode fazer greve porque eles vão-se «chatear». Os lucros são para empresas multinacionais, os serviços também para os estrangeiros, e para os madeirenses há que servir. Quando chegamos ao Funchal deparamos logo com o típico carrinho de bois, onde vão os senhores turistas a passear pela cidade. Mas, subindo um pouco mais, vimos outro espectáculo: dois homens, cobertos de suor, puxavam uma carroça por uma ladeira, com dois senhores sentados muito risonhos, com flores na mão. Outros carrinhos os seguiam. Será que os trabalhadores madeirenses também vão passar férias à Inglaterra ou à França e lá são recebidos com estas «honras»? Ou será porque a Madeira é linda que os seus habitantes têm de ser escravos?

mos os salários com o custo de vida. Tudo se encontra bloqueado, fechado num trabalho manual, desde a agricultura à indústria (bordados, vimes, etc...), o que não permite de maneira nenhuma rentabilidade suficiente para uma vida decente e um progresso. O turismo, como já falamos, não é indústria de desenvolvimento, mas apenas de servilismo, da maneira que está a ser processado.

Nem sequer as fábricas de montagem eléctrica estão de desenvolver a Madeira, pois apenas se faz lá a montagem, e vai enriquecer outros países que vão vender essas pequenas peças, depois transformadas em aviões, helicópteros, etc...

Enfim, ao poder capitalista nacional e internacional, interessa-lhes esta reserva de mão de obra barata, onde podem servir-se e extrair lucros abundantes à custa da miséria do povo.

E quando alguns, fartos de trabalhar e passar mal, emigram para o estrangeiro, vão novamente, como qualquer um de nós, servir e enriquecer esse mesmo capitalismo que lá existia, que aparece em todo o lado; somente com formas e nomes diferentes.

emigrar não é solução

Pelo acima exposto é fácil de verificar a exploração degradante e que está sujeito o povo da Madeira. Para isso basta comparar-



mais massacres em angola

Mais mortos em Angola. Nos últimos acontecimentos da primeira semana de novembro fala-se em 50. Não chegam ainda todos os que morreram durante os 13 anos de guerra inútil? Os últimos factos mais graves deram-se quando chegava ao aeroporto de Luanda a delegação representante da UNITA (União Popular para a Independência Total de Angola).

Entre os milhares de pessoas que vieram à chegada do avião, estava uma manifestação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Estes manifestantes foram atacados por rajadas de metralhadora, atiradas dum carro particular.

Já no aeroporto, houve vários mortos e a situação continuou toda a noite em ataques aos bairros das populações negras.

Que ligação terão estes acontecimentos com a série de massacres contra as populações negras dos arredores de Luanda que têm sido cometidos durante os últimos meses?

APROVEITAR GRUPOS PARA RETARDAR A INDEPENDÊNCIA

Em Angola, a força dos brancos, ricos à custa dos pretos escravizados é ainda mais forte que em Moçambique e na Guiné. Por outro lado, além do MPLA e do UNITA há ainda o FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola). Neste momento, todas as 3 organizações querem participar nas negociações para a Independência de Angola.

Porém é certo que até agora foi o MPLA que teve maior actividade na guerra de libertação enquanto que a FNLA e a UNITA, até agora sem grande actividade, querem por todos os meios impedir o MPLA de participar nas negociações.

É estranho que a maior parte das pessoas que vieram receber no aeroporto os delegados da UNITA sejam brancos. É também estranho que só agora, quando se fala em independência é que o FNLA e a UNITA se apresentam como representantes do povo de Angola.

Não será que as populações brancas, (aquem a independência não interessa) se querem servir do facto de haver 3 organizações, criar entre estas a discórdia, afastar quanto possível e por todos os meios o MPLA das negociações e assim retardar o mais possível a independência de Angola?



«JUVENTUDE OPERÁRIA»

Os leitores e assinantes já devem ter notado que o nosso jornal é publicado irregularmente. E verdade que não tem saído nas datas que prevíamos, tem havido atrasos.

Mas isto leva-nos a chamar a atenção para as condições em que é feito o jornal :

1 — «Juventude Operária» é elaborado nas horas livres, quer dizer à noite e nos fins de semana pela equipa de redacção. Este grupo encarrega-se do seguinte trabalho : pedir os artigos programados, escrevê-los à máquina uma primeira vez, dá-los ao serviço de dactilografia, verificar os textos depois de escritos, fazer a maquete, entregar na tipografia, fazer a colagem e expedição. Devido às dificuldades financeiras, não podemos ter uma pessoa encarregada de todos os trabalhos práticos.

2 — A falta de tempo e a falta de experiência na realização dos artigos, faz com que sejam sempre as mesmas pessoas a elaborar o jornal e isto sempre nos últimos momentos.

Por outro lado, o facto de ser publicado duas vezes por trimestre impede que possamos acompanhar os acontecimentos para uma informação constante dos leitores. Por isto, não nos limitamos a dar as notícias, mas tomamos os acontecimentos mais importantes (?) com uma posição clara e reflectida nas origens do sistema em que estamos inseridos.

QUE FAZER FRENTE A ESTA SITUAÇÃO ?

1 — É muito importante que os leitores enviem as críticas, principalmente quando estas apontam os defeitos e insuficiências, tanto no conteúdo como na apresentação.

2 — É necessário que os leitores enviem informações com conteúdo baseado em denúncia de situações vividas por imigrantes, de acções realizadas. Esta participação é indispensável para que o «Juventude Operária» seja cada vez mais completo e corresponda a uma realidade de vida e de luta.



NOTA DA REDACÇÃO

Este jornal engloba os números 6 e 7 correspondentes aos meses de Novembro, Dezembro e Janeiro. Por diversas circunstâncias, principalmente problemas de tipografia, o número 6 teria que ser publicado com muito atraso. Por isto,

inserimos neste «Juventude Operária» um conteúdo mais extenso, o que naturalmente levou a que se aumentasse o preço para 1,50, isto apenas para este número.

Esperamos a compreensão de todos os leitores.

MOVIMENTAÇÃO DOS TRABALHADORES EM PORTUGAL

Uma equipa de informação, em apoio ao «Juventude Operária» elaborou um documento sobre a movimentação dos trabalhadores em Portugal, com o objectivo de dar uma informação mais completa sobre este assunto.

Este documento pode ser pedido a redacção do J.O. ao preço de 1 franco.

portugal...

3º GOVERNO

porque ?

No dia 30 de setembro passado, o General Spínola anunciou a sua demissão, declarando ao país que deixava de ser Presidente da República.

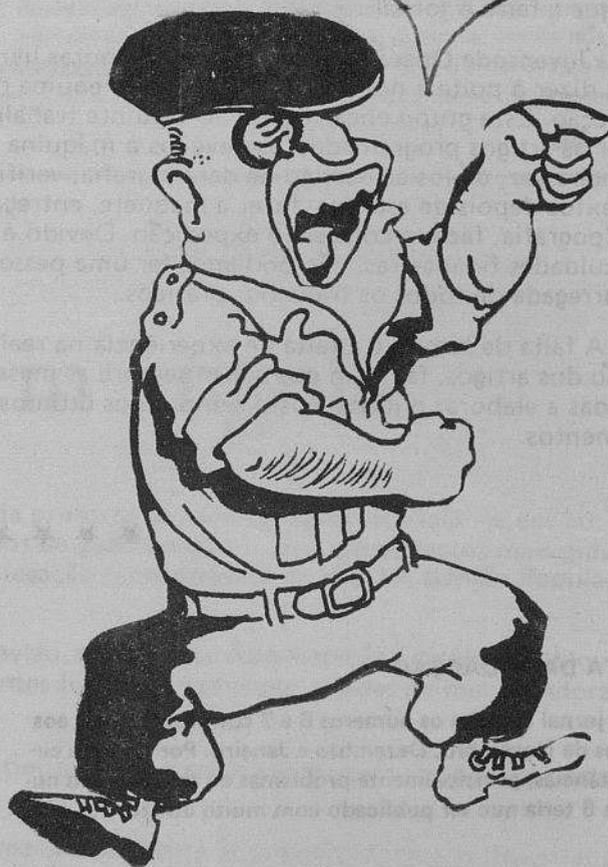
O que escrevemos a seguir tem por fim ajudar-nos a compreender o porquê de tudo aquilo que levou ou obrigou o General Spínola a demitir-se.

No dia 10 de setembro, Spínola fez um discurso em que dizia que a maioria silenciosa do povo português se devia manifestar e defender-se contra aqueles que movimentam as massas. (Ele referia-se aos partidos socialista e comunista e às organizações sindicais e outras organizações operárias).

Por detrás daquilo a que Spínola chamava «maioria silenciosa» estavam todos os partidos das direitas, (aqueles que continuam fiéis às doutrinas de Salazar e Caetano), e que entretanto se vinham a organizar dando aos partidos nomes enganadores: Partido do Progresso, Centro Democrata e Social, Partido Liberal, Aliança dos Portugueses, Frente Democrata Unida, Partido Nacionalista, e outros). Estes partidos organizavam-se com dinheiro dado pelos americanos.

No dia 19 de setembro, apareceram por todo o lado nos muros de Lisboa, cartazes a convidar o povo para uma manifestação silenciosa. E nessa mesma noite foram lançados de avião milhares e milhares de panfletos a convidar para a tal manifestação.

...já que não deixam falar os meus "silenciosos"... eu demito-me de PRESIDENTE DA REPÚBLICA



Diziam que a manifestação era para apoiar o General Spínola. Isto servia para encobrir um golpe de estado, preparado para derrubar o Governo Provisório.

Sabe-se a seguir que a manifestação era organizada pelo «Partido Liberal». Este partido é da extrema direita e portanto fascista, dirigido por antigos pides e legionários ainda em liberdade.

Entretanto nas ruas da cidade começaram a formar-se barragens para impedir que carros particulares entrassem com armas em Lisboa. Os serviços secretos do Governo sabiam que havia milhares de armas nas mãos de civis, preparados para a manifestação. Foram apreendidas cerca de 40 mil armas.

Durante a noite de 27 para 28 de setembro a situação, esteve muito confusa. O primeiro Ministro Vasco Gonçalves e o General Otelo de Carvalho estiveram impedidos de sair do Palácio de Belém e Spínola disse que tomava todos os poderes. (atitude de ditador).

Na manhã do dia 28 o Movimento das Forças Armadas disse num comunicado que o Copcon (comando operacional do continente) dominava a situação.

A manifestação era em favor de Spínola mas afinal foi ele que no fim da manhã comunicou ao país que não se podia fazer a manifestação.

Com tudo isto foram presas várias dezenas de pessoas (fala-se em 350). Entre os que foram presos encontram-se alguns oficiais superiores, industriais e proprietários do Alentejo. Alguns destes últimos tinham deixado estragar as colheitas de propósito e também se sabe que escondidos no meio de grandes propriedades do Alentejo há campos de treino particulares.

Vendo que a situação lhe escapava, vendo que as forças armadas, o povo e as organizações operárias impediam os fascistas de retomar o poder. Spínola faz um longo discurso para dizer que demissionava.

PARA TENTAR COMPREENDER

Porquê tudo isto ?

Os projectos de Spínola, em ordem à independência das colónias e à instauração da liberdade democrática em Portugal eram muito diferentes do Programa do Movimento das Forças Armadas.

Spínola tentou por duas vezes ser eleito ou aclamado pelo povo a que ele chamava maioria silenciosa.

Mas os militantes políticos e operários sabiam por longa experiência que o poder não pode estar nas mãos e na vontade de um só.

No tempo de Salazar e Caetano o poder também passava pelas mãos de um só.

E dentro de tudo isto, porque é que os americanos forneceram dinheiro aos partidos das direitas ? (Partido Liberal e outros que dissemos atrás).

— Os americanos são ferozmente anticomunistas e antisocialistas.

— Se o Governo Português vier a ser Comunista ou Socialista pode tirar os Açores aos americanos e outras bases militares espalhadas pelo país. Assim ficaria diminuído o poder militar americano na Europa.

— Eles não têm interesse em que Angola seja independente ; estão instaladas em Angola grandes companhias Americanas : a ITT e companhias de petróleo.

— Para defenderem os seus interesses, têm uma «polícia» semelhante à PIDE, espalhada por todo o mundo : os serviços secretos da C. I.A.

Um representante do Governo Provisório declarou que a C. I.A. tem aumentado de actividade em Portugal e que nas últimas semanas muitos elementos sulamericanos têm entrado em Portugal ao serviço da C. I.A.

Não estaria a C. I.A. por detras da manifestação do 28 de setembro, com um golpe de estado preparado para fazer de Spínola um presidente à moda de Salazar ? Assim seria fácil afastar do governo os comunistas e os socialistas. E quando estivessem de novo os poderes nas mãos de um só, seria fácil fazer a repressão sobre os mo-

vimentos operários e meter tudo na ordem. (a moda antiga, claro).

Tudo leva a tirar esta conclusão.

— Donde vieram tantas armas encontradas na mãos dos membros dos partidos das direitas, na altura da manifestação do 28 de setembro ?

— Porque é que os panfletos foram distribuídos de avião ? Os operários não distribuem papéis com aviões !

— Porque é que foi descoberto um telefone secreto para ouvir as conversas do Primeiro Ministro, no tempo em que Spínola era presidente ?

Não esqueçamos que foi à C. I.A. que organizou no Chile o golpe de estado contra os Socialistas, em que foi assassinado o presidente Allende e perto de 30 mil militantes políticos e operários.



O exemplo do Chile

E NÓS, QUE PENSAR DE TODOS ESTES FACTOS ? QUE LIÇÕES TIRAR ?

— Sempre os trabalhadores devemos impedir que o poder esteja nas mãos de um só.

Quando é um só a mandar, nunca são defendidas a justiça, a liberdade ou a igualdade. Quem manda sozinho defende só os seus interesses ou do seu grupo de amigos.

— Para que isto não aconteça, todos os trabalhadores nos temos que organizar onde quer que nos encontremos. Só organizados é que seremos fortes para nos defendermos.

— Nós não estamos em Portugal neste momento, mas procurando informar-nos para compreender o que se passa, compreenderemos melhor o que fazer, quem apoiar e em que sentido guiar a nossa luta de trabalhadores.

A. dos Santos.

ESCOLA

os jovens imigrantes na escola:

preparação de uma futura

mão-de-obra segura ao serviço

do sistema capitalista francês

Em França vivem 85 mil jovens portugueses dos 12 aos 16 anos.

Alguns destes jovens são leitores de «Juventude Operária» e raramente encontram neste nosso jornal, artigos que denunciem a situação que vivem na escola, pois é neste meio em que a maioria dos jovens nesta idade se encontram.

O que se escreve a seguir, são pedaços da situação vivida por estes jovens. A finalidade desta exposição é chamar a atenção de todos os jovens trabalhadores sobre os problemas que são os de muitos jovens portugueses. E também pretende apelar para uma reflexão sobre o que esta situação pode ter como consequências sobre a nossa vida presente e a nossa situação futura.

Seria importante, que outros jovens enviassem para a redacção do jornal o que vivem de semelhante, a reflexão que poderão ter a partir daqui e o que fazem perante a sua situação. É uma das formas que temos ao nosso alcance para participar na elaboração do jornal e para que este corresponda ao que desejamos encontrar nele.



ESCOLA OBRIGATÓRIA E CARA

«Ando na escola porque sou obrigado até que tenha 16 anos. Mas a escola não me diz nada. Assim que completar os 16 anos, saio da escola, irei trabalhar».

«Eu vou para a escola porque não tenho idade para trabalhar...»

«Estou na escola porque não posso ir trabalhar. Aprendo a passar a ferro. Queria aprender outra profissão mas as dificuldades que tenho em francês não me deram possibilidades para isso. No fim ano passado a directora disse-me que arranjasse trabalho, que naquela escola não havia lugar para mim. Mas não tinha idade para trabalhar. Agora, com as colegas trabalhamos bastante, a professora ganha com este nosso trabalho e não partilha connosco, embora o tivesse prometido no princípio do ano. Há dias na semana em que estamos cinco horas de pé, a passar a ferro».

Trabalhamos, não aprendemos a profissão que desejamos, e ainda temos que pagar...

«No princípio do ano gastei 200 francos em livros, cadernos, etc... Em casa somos quatro na escola. Os meus pais tem dificuldades em dar tanto dinheiro e isto tem influência no seguimento dos estudos. Na escola deram-nos uma lista de material que tínhamos que comprar e por fim muitas coisas não serviram. Tivemos que comprar outras».

«Estou a aprender a profissão de vendedeira de sapatos. Durante uma semana vou à escola e na outra semana trabalho numa sapataria. Até agora só servi uma vez os clientes, o resto do tempo passo-o na reserva. Assim não posso aprender a profissão. E estou a fazer o trabalho de uma pessoa, sem ser paga. É o patrão que ganha com esta situação...»



As dificuldades ditas em cima são suficientes para vermos que, como aqueles que trabalham, somos também vítimas de situações injustas :

— escola que não nos prepara para a profissão que escolhemos ou que não tem em conta o que desejamos fazer. A orientação para as diferentes escolas é feita em função de quê e de quem ?

— ensino que não respeita o que somos : jovens com aspirações próprias. O sistema actual de ensino foi elaborado por quem ? Responde as nossas aspirações ou às necessidades dos adultos que estão ao serviço do dinheiro, da competição (ser sempre o primeiro), do individualismo (só conto eu... e os outros?) ?

Imigrantes — Temos a nossa língua, as nossas maneiras de ser, de viver. O ensino que nos é dado tem em conta tudo isto ? E este ensino prepara-nos para nos integrarmos na sociedade francesa e assim dar sempre mais lucros, ou para regressar para o nosso país ?

E pertencemos à classe operária, classe esta que tem uma história de lutas, de vitórias... uma classe operária que sempre lutou contra esta exploração que nos é feita. Esta história não faz parte do programa de ensino, mas sim a dos que exploraram o povo através dos séculos.

— ensino que dizem gratuito e que finalmente sai caro, e é obrigatório. Mas para benefício de quem ? Esta situação acentua a selecção do ensino. Poucos são os filhos dos operários que podem continuar os estudos e muito menos os filhos dos imigrantes, porque as dificuldades são maiores.

— aprendizagem que põe cerca de 100 mil jovens dos 14 aos 16 anos sob a dependência dos patrões. Isto é



a consequência da lei Royer, que em vez de tomar medidas para modificar a forma como é feito o ensino técnico, se ataca as necessidades imediatas de mão-de-obra. Esta lei torna ainda mais difícil, para os filhos dos trabalhadores, o acesso aos estudos.

Frente às situações que vivem, os jovens organizam-se e lutam : organização de horários na escola, informação sobre as funções dos delegados dos alunos, reacções perante o custo do ensino, etc...

Num próximo número do «Juventude Operária», encontraremos algumas das acções que jovens organizaram e também esperamos as experiências de todos os leitores.

Estamos certos que a libertação da classe operária também será fruto da acção que nós, jovens na escola, realizamos para modificar o que é injusto, o que nos impede de desenvolver-nos segundo as nossas aspirações e capacidades.





A SITUAÇÃO DOS IMIGRANTES

NOS TRABALHOS DE LIMPEZA (1)

A realidade de trabalho dos operários portugueses imigrantes passa também por aqueles (alguns milhares) que directa ou indirectamente trabalham nos ditos trabalhos de limpeza, «les ouvriers du nettoyage». É nestes trabalhos que grande parte, ou talvez a maioria dos portugueses começam a trabalhar em França, fazendo os papeis (carta de trabalho e «séjour»). Depois de acabarem o contrato, geralmente vão para outras profissões: construção civil, trabalhos públicos, porque têm um salário superior. Há ainda os que vão para as fábricas. Por outro lado, a natureza destes trabalhos de limpeza nos escritórios, casas comerciais, nos bancos, etc, proporciona uma maior exploração. Nota-se que há numerosos trabalhadores imigrantes doutras profissões, que, trabalhando 45 horas por semana vão ainda fazer outros trabalhos de limpeza, executados pela madrugada ou então à noite, num período mais ou menos de 3 horas que se acrescenta ao horário normal: o que dá, em média, 63 horas por semana.

Esta situação que se cria e que se mantém pela força da ganância do dinheiro, é ao mesmo tempo, uma destruição física dos imigrantes, sem que nunca, ou muito raramente se reflectisse nesta situação anormal que é a dos nossos colegas ou vizinhos, ou até mesmo a dos nossos familiares, os nossos pais que passam 3, 4, 5 anos nesta condição.

Muitas vezes, por força desta repressão material (ser imigrante = ganhar muito dinheiro), esta situação passa quase sendo normal porque é criada na nossa mentalidade de imigrante: se estamos a trabalhar como imigrantes é para ganhar o máximo e voltar para Portugal em poucos anos. Porém, as coisas nunca saem como pensamos: ser ricos (?) numa sociedade que nos explora constantemente ao ponto de nos pôr a trabalhar 12, 13, 14 horas por dia, destruindo-nos fisicamente e que nos leva à ilusão, ao individualismo para tentarmos fugir da situação que os exploradores criaram em Portugal, obrigando a «xilarmo-nos os para outros países «experimentar a nossa sorte», à procura de arranjar uma vida ou um futuro melhor.

O diálogo que em seguida temos a oportunidade de ler, mostra-nos bem a nossa condição de imigrantes, tanto na situação de trabalho em si, como e por quem são eles feitos.

«TRABALHAR A CORRER PARA DAR GANHO AO PATRÃO»

J. As condições de trabalho, a higiene, o salário, o ambiente (convívio com os colegas), e as relações destes com os chefes, são geralmente reveladores de uma situação comum a todas as empresas de limpeza. Que pensas, situando-te no teu trabalho, em relação a tudo isto?

Lucília — Trabalho na empresa de «nettoyage» Aspirotechnique, onde realmente tenho notado, entre empregados, um ambiente de trifulhas, especialmente os portugueses uns para com os outros. Quando o chefe é português, pior ainda: sacrificam mais o pessoal e depois, para elas fazerem «jeitos aos patrões»... Isto passa-se comigo, acabam por querer que nós façamos o dobro do trabalho. Mas, se por vezes chegamos atrasados, cortam-nos horas de salário no fim do mês. Para a chefe, mesmo que chegue



←
uma hora mais tarde, o dinheiro é sempre o mesmo, não há quem lhe desconte horas... Houve um mês que recebi a «paie» com horas cortadas. Fui ter com o patrão e perguntei se a lei era só para mim ou se era também para a chefe.

J. — Tudo isso que estás a contar passa-se no trabalho que fazes à noite ?

L. — Sim, isto é à noite no trabalho com a chefe portuguesa. Aí, faço o trabalho bem feito, nunca tive reclamações e trabalho um pouco depressa, não é justo que me cortem as horas. Na altura das férias faltaram duas colegas, no lugar delas trabalharam outras, que deveriam ganhar 3 horas cada uma. Ora, a chefe que recebe mais de que nós, ganha as 3 horas do trabalho de uma, mas ela queria que eu e a outra colega fizéssemos o outro trabalho em duas horas. Então entendi que não devia fazê-lo. Disse-lhe que não estava disposta para fazer o trabalho a correr para dar ganho ao patrão. A partir daqui começaram a «embirrar» connosco.

HORAS EXTRAS NÃO PAGAS

J. — E no trabalho que fazes pela manhã, dá-se a mesma coisa ? É por conta da mesma empresa ?

L. — É por conta da mesma empresa, mas agora deixei essa chefe. Mudaram-me porque estava a «embirrar» connosco. Agora estamos com uma chefe francesa. Esta, dá facilidades a uma portuguesa que faz dois lugares (trabalhos que antes eram realizados por duas pessoas em 3 horas cada um), entra às 6 horas e às nove menos vinte ela já tem o trabalho acabado, já esta pronta para sair. Fez o trabalho de 6 horas em menos de 3 horas. Mas no dia seguinte, além do meu trabalho, tenho que ir fazer o trabalho dela que ficou mal feito.

J. — Eles pagam-te esses extras ?

L. — Não. Eles pagam-me as mesmas três horas, fazendo eu a mais o trabalho que as outras não fazem ou fazem mal feito. Faço todos os extras e ainda as casas de banho que elas também muitas vezes não fazem.

J. — Geralmente têm trabalho definido para fazerem nas três horas ?

L. — Tenho a minha «praça» que é de 3 horas mas acontece que falta uma pessoa, ele manda fazer essa «praça» por uma série de pessoas. Sei que tenho que fazer uma parte do trabalho, aspiro, limpo os cinzeiros e as mesas... sem ter a certeza de ganhar mais no fim do mês.

J. — Isso acontece frequentemente ? Fazes isso muitas vezes sem que nunca recebas alguma coisa a mais ?

L. — Já recebi. Mas nem sempre pagam as três horas das outras «praças».

J. — Quer dizer, tu fazes o teu trabalho normal e, se faltar alguém também tens que fazer o trabalho dessa pessoa ?

L. — Sim, há dias tive que fazer o meu trabalho e o da pessoa que faltou. Andei a correr e saí de lá estafada para que às 9 horas estivesse tudo pronto, porque o pessoal dos escritórios começa a trabalhar a essa hora.

J. — O lugar que fazes é fácil de fazer em três horas ou é difícil ? Tens de andar depressa ?

L. — Eu faço o meu trabalho em 3 horas mas não me posso descuidar se quiser fazer como eu gosto.

J. — A que horas te levantas, de manhã ?

L. — As 5 horas de manhã. Mas agora querem que se lave os armários todos e temos que andar depressa : entramos às 6 horas, se chegamos 5 minutos mais tarde já não gostam. Eu antes fazia a «praça» que outra faz agora : limpeza dos cinzeiros, das mesas, das «poubelles», das casas de banho



J. — Quantas pessoas lá trabalham ?

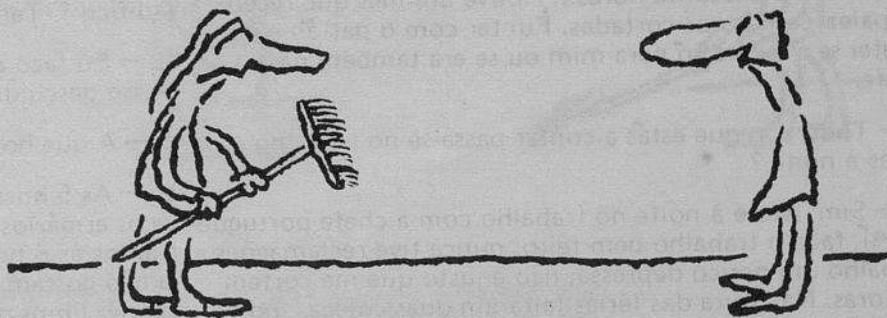
L. — Esta senhora faz a limpeza de três andares. Enquanto que ela faz esta «praça» mal feita e outra ainda maior, ganha 6 horas em 3 horas de trabalho. Eu não acho isso justo porque no dia seguinte sou eu que tenho que ir acabar o trabalho dela.

J. — Sim, e quantas pessoas trabalham lá dentro ?

L. — Onde eu trabalho de manhã, uma limpa o rés-do-chão, o marido desta limpa o 4º andar e eu limpo o primeiro, as casas de banho todas, as «poubelles» dos andares todos e ainda querem que eu limpe os armários que pertencem a uma outra. Portanto, somos 5.

J. — São só imigrantes que fazem a limpeza lá dentro ?

L. — Sim, são todos estrangeiros, não há nenhum francês. Somos na maioria portugueses. Trabalham lá pretos uns andam a tirar o papel e outros a aspirar. O resto do trabalho é feito por portugueses.



J. — E onde trabalhas à tarde ?

L. — É igual, todos portugueses. Só lá anda uma espanhola, essa tal que faz o trabalho mal feito e depois anda sempre a engraxar a chefe.

J. — Então é essa espanhola e o resto são portugueses. Quantos são ?

L. — Ora, é uma mulher e duas filhas, somos 5, 4 pretos, 1 árabe e uma preta.

J. — Quantas horas trabalhas por dia ?

L. — Três horas de manhã e três horas à tarde, o que faz seis horas por dia.

J. — E isso é suficiente para viver ?

L. — Tem que chegar, o patrão não dá mais horas. Dantes, quando precisava, ele dava. Há um colega que não sabia das leis, fazia o trabalho de duas pessoas. Aliás, eu também já o fiz.

J. — Quantas horas trabalha ele, nesse caso ?

L. — Ele faz o trabalho de duas pessoas mas nas três horas que lhe pagam. Depois das nove horas da manhã, fazia outro trabalho até ao meio dia. Eles aí gostavam muito dele, mas quando começou a abrir os olhos eles deixaram de gostar dele. Esse trabalho, deram-no aqueles que dão presentes, concerteza. Ele que tem um contrato de trabalho de quarenta horas por semana nem isso faz.

J. — O José está a trabalhar sob contrato, está a fazer as cartas, de trabalho e séjour. Há quanto tempo ?

L. — Faz agora um ano, mas o contrato só acaba em Março do próximo ano.

J. — Quer dizer, ele começou a trabalhar na empresa em Dezembro do ano passado mas só quatro meses depois é que o legalizaram ?

L. — Foi isso.

NÃO SÃO «OS SIMPÁTICOS DOS PATRÕES» QUE PAGAM OS CHEFES ?

J. — Quantas horas davam por dia ?

L. — Davam seis horas, só quando precisavam é que davam mais umas horas. Ele fazia o trabalho dos outros, não sabia das leis nem sabia falar o francês. Os patrões são simpáticos, é verdade, mas os grandes chefes é que fazem isto até que o enervaram ao ponto... Foi aí que ele apanhou uma doença e teve que ir para o hospital.

J. — Porque o trabalho era exagerado ?

L. — Era mesmo exagerado. Obrigavam-no a limpar aqueles andares todos com o aspirador. Muitas vezes acabava às 9,30 horas e só pagavam até as 9 horas. Limpava o rez-do-chão até ao quarto andar, corredores e escritórios.

J. — Quantos escritórios, mais ou menos ?

L. — Há uns 7 ou 8 em cada andar, o primeiro tem 9, outros têm mais. Tem mais de 40, além do réz-do-chão.

J. — Quanto pagam por hora ?

L. — É o mínimo que podem, era cinco e qualquer coisa. Só há pouco tempo é que passaram a pagar 6,55 francos.

J. — Conhecem a convenção colectiva, por exemplo, no que diz respeito às várias classificações : os que lavam os vidros têm uma classificação e um salário relativo, se trabalham com o aspirador têm uma outra classificação e um outro salário, etc... ?

L. — Ganham o mesmo que nós, têm mais uns prémios, mais nada.

(conclusão no próximo número)



CRISE DO CAPITALISMO NA ALEMANHA



300 mil imigrantes obrigados a deixar a Alemanha

A situação de insegurança que os trabalhadores e sobretudo os imigrantes vivem, não se limita à França. Nos outros países capitalistas, nesta altura de crise económica, são sempre os trabalhadores os primeiros atingidos.

Da Alemanha, (onde estão 90 mil portugueses) saíram nos últimos tempos, 300 mil estrangeiros. Durante o Inverno, neste mesmo país, prevê-se que haverá um milhão de desempregados. Segundo a D.G.B. (Confederação Nacional de Sindicatos) haverá, em fins de Dezembro, 750 mil desempregados.

Perante esta situação, o ministro do trabalho declarou : «os alemães têm prioridade de emprego. Para que uma empresa possa dar trabalho a um estrangeiro, tem que primeiro provar que antes procurou para esse posto, um trabalhador alemão desempregado e que não encontrou».

Segundo a D.G.A., agência de notícias, a Agência Federal do Trabalho, com sede em Nuremberg, deu as seguintes instruções às agências locais de trabalho : «só se renovarão autorizações de trabalho aos estrangeiros cujo

posto de trabalho não possa ser ocupado por um alemão desempregado. Não se renova a autorização de trabalho a um estrangeiro que esteja num posto que um alemão possa ocupar, mesmo que a empresa em que trabalha o estrangeiro queira continuar a empregá-lo».

Consequências para os trabalhadores estrangeiros : um estrangeiro sem autorização de trabalho pode receber o subsídio de desemprego mas quando termina, no momento de desemprego, a autorização de estadia, a polícia não a renovará. Resta apenas o caminho obrigatório da fronteira.

Entretanto, o primeiro ministro declarou recentemente : «Os trabalhadores estrangeiros terão a mesma oportunidade e igualdade que os alemães, relativamente ao emprego».

Declaração cheia de boas disposições mas que outras vieram contradizer e que é desmentida diariamente pela situação que vivem os estrangeiros na Alemanha, pela saída recente de 300 mil trabalhadores...

POR TERRAS

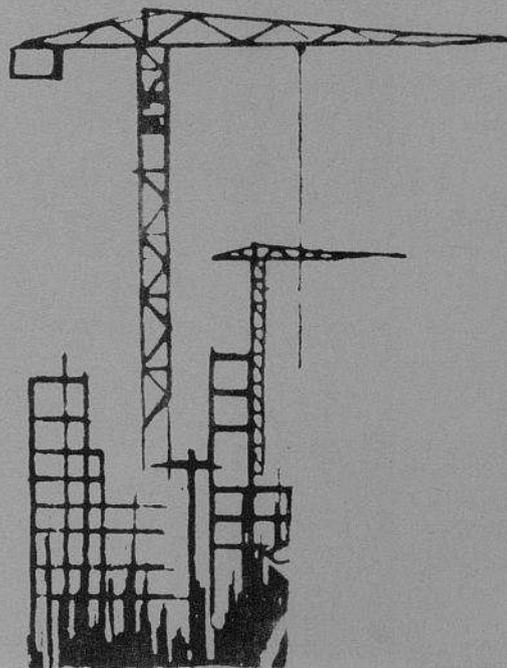
DE FRANÇA

Texto, música e interpretação : José Mário Branco

Vou andando por terras de França
Pela viela da esperança
sempre de mudança
tirando o meu salário

Enquanto o fidalgo enche a pança
o Zé Povinho não descansa
Há sempre uma França
brasil do operário

Não foi por vontade nem por gosto
que deixei a minha terra
entre a uva e o mosto
fica sempre tudo neste pé



Canta o galo e a governança
a tesourinha e a finança
e os cães de faiança
ladrando a-finados

Vamos indo por terras de França
trocando a sorte pela chance
sempre de mudança
suando a pé de meia

Com alocação e a segurança
com sindicato e com vacanço
há sempre uma França
numa folha de peia

Vamos indo por terras de França
nossa miragem de abastança
roendo a nossa grade

Quando vai o gado prà matança
ao cabo da boa-esperança
bolas prà bonança
e viva a tempestade

Vamos indo por terras de França
com a pobreza na lembrança
sempre de mudança
com olhos espantados

